

utilização das bombas permitiu reduzir o risco de hipervolemia, garantir maior controle do volume infundido e do tempo de administração, prevenir eventos adversos como extravasamento e obstrução venosa, além de otimizar o tempo de trabalho da equipe de enfermagem. Os dispositivos demonstraram leveza, resistência e facilidade de manuseio, favorecendo a adesão da equipe à nova tecnologia. **Discussão e conclusão:** A ausência de hemólise confirma que, com equipamentos adequados e mecanismo peristáltico linear, as BI podem ser utilizadas com segurança para transfusão de CH, alinhando-se a achados prévios que apontam integridade eritrocitária preservada nesse tipo de equipamento. O controle preciso do fluxo e do volume contribui para a prevenção de TACO, especialmente em pacientes de alto risco, além de favorecer a eficiência do trabalho da equipe de enfermagem. Apesar do custo superior em relação ao sistema gravitacional, o retorno em segurança transfusional, prevenção de eventos adversos e otimização dos recursos humanos respalda a adoção da tecnologia. Desta forma, a implementação de BI para transfusão de CH mostrou-se segura, eficaz e operacionalmente viável, consolidando-se na rotina assistencial do serviço e integrando o plano institucional de contratações.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2025.105232>

ID - 1209

IMPORTÂNCIA DA DUPLA CHECAGEM NO PROCESSO TRANSFUSIONAL

JE Di Giacomo

GSH, São Paulo, SP, Brasil

Introdução: A transfusão sanguínea é um procedimento essencial na medicina, utilizado para repor componentes do sangue em pacientes com hemorragias, anemias graves, cirurgias e outras condições clínicas. Embora seja uma prática segura quando realizada corretamente, a transfusão envolve riscos que podem ser evitados com a adoção de protocolos rigorosos. Um desses protocolos é a dupla checagem, uma etapa crítica para garantir a segurança do paciente. Assim, a transfusão sanguínea é uma ferramenta indispensável na prática assistencial, devendo sempre ser conduzida com responsabilidade, conhecimento técnico e foco na segurança do paciente. A dupla checagem é um procedimento onde dois profissionais de saúde conferem, de forma independente e criteriosa, todas as informações relacionadas à transfusão, como: nome completo do paciente; data de nascimento; filiação, ABO/Rh; número da bolsa de sangue; protocolos transfusionais e prescrição médica; Esse processo assegura que o sangue preparado seja transfundido no paciente certo, prevenindo falhas humanas e eventos adversos graves. **Objetivos:** O principal objetivo da dupla checagem no processo transfusional é garantir a segurança do paciente por meio da verificação rigorosa de todas as etapas envolvidas na administração de hemocomponentes. Ao realizar essa checagem cruzada, busca-se prevenir erros humanos, como a transfusão de sangue incompatível, que podem resultar em

reações adversas graves, incluindo reações hemolíticas e até óbito. Além disso, a dupla checagem assegura o cumprimento dos protocolos institucionais e das normas estabelecidas por órgãos reguladores, promovendo uma cultura de responsabilidade compartilhada e fortalecendo a qualidade e a segurança na assistência ao paciente. **Material e métodos:** Levantamento das RNC de falhas na dupla checagem e os principais motivos em diferentes hospitais atendidos pelo grupo em São Paulo. **Resultados:** Verificado que tivemos casos aonde o paciente não foi identificado de forma correta, amostra com identificação incorreta, dupla checagem com o profissional do setor e paciente não realizada, transcrição incorreta dos dados ao sistema eletrônico e mapa transfusional, falhas na leitura da tipagem ABO/Rh, seleção e preparo não condizentes com o protocolo transfusional e falhas no treinamento. **Discussão e conclusão:** A dupla checagem no processo transfusional representa uma estratégia essencial de segurança, sendo uma barreira eficaz contra erros evitáveis que podem comprometer gravemente a vida do paciente. Quando realizada de forma criteriosa e independente por dois profissionais habilitados, promove a identificação correta do receptor, a conferência precisa dos hemocomponentes e o cumprimento dos protocolos vigentes. No entanto, sua efetividade depende diretamente do comprometimento da equipe, da adesão institucional às boas práticas e da valorização da cultura de segurança. Diante disso, é imprescindível que os serviços de saúde invistam em capacitação contínua, sistematização dos processos e fortalecimento de uma assistência transfusional segura, ética e centrada no paciente.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2025.105233>

ID - 920

INDICADORES DE HIGIENIZAÇÃO DAS MÃOS NO HEMOCENTRO COORDENADOR DE SERGIPE – HEMOSE: IMPACTO DE AÇÕES EDUCATIVAS NO PRIMEIRO SEMESTRE DE 2024

WS Teles, OS Rezende, CM de Souza Neto, FK Fraga Oliveira, AP Barreto Prata Silva, RO Fontes Farrapeira, D Abilio, RD Lopes Santos Santos, JMM Marques de Menezes

Centro de Hemoterapia de Sergipe (HEMOSE), Aracaju, SE, Brasil

Introdução: As infecções relacionadas à assistência à saúde (IRAS) constituem um dos maiores desafios dos sistemas de saúde contemporâneos, independentemente do grau de desenvolvimento dos países. Estima-se que, globalmente, cerca de 1,4 milhão de pacientes sejam acometidos diariamente por IRAS, implicando elevados índices de morbimortalidade, prolongamento de internações, aumento da resistência microbiana, custos assistenciais e óbitos evitáveis. **Objetivos:** Capacitar os profissionais dos setores de ambulatório e transfusão do HEMOSE quanto às boas práticas de

higienização das mãos, promovendo a sensibilização para os protocolos de biossegurança e prevenção de infecções institucionais. **Material e métodos:** Foi desenvolvido um programa de treinamento teórico-prático entre os dias 8 e 12 de abril de 2024, com carga horária de 10h, dividido em cinco módulos. A atividade ocorreu durante o horário de expediente e contou com a participação voluntária de 32 profissionais. A coleta de dados foi realizada por meio de checklist adaptado do *Manual de Segurança do Paciente em Serviços de Saúde: Higienização das Mãos*, da Anvisa. As informações foram analisadas de forma descritiva, categorizando a formação profissional e o grau de adesão às práticas orientadas. Dos 32 participantes, 75% (n=24) pertenciam ao sexo feminino e 25% (n=8) ao sexo masculino. A formação acadêmica foi variada: três enfermeiros (9,3%), dois farmacêuticos (6,2%), seis técnicos de enfermagem (18,7%), cinco assistentes administrativos (15,6%), um assistente social, uma psicóloga, um fisioterapeuta, dois dentistas (totalizando 12,4%), e 11 estagiários (34,3%). O treinamento evidenciou que a maioria dos profissionais da assistência direta à saúde já havia recebido informações prévias sobre segurança do paciente, ao passo que colaboradores administrativos relataram contato pontual com o tema. Observou-se discordância quanto à regularidade da prática de lavagem das mãos, sendo a utilização de luvas por alguns erroneamente considerada substitutiva à higienização. Houve, contudo, adesão significativa ao treinamento e reconhecimento da importância do protocolo. A análise do checklist pós-intervenção revelou maior aderência aos cinco momentos da higienização preconizados pela OMS. **Discussão e conclusão:** A ação educativa promoveu não apenas atualização teórica, mas também reconfiguração das condutas cotidianas, com impacto direto na redução do risco de transmissão cruzada nos serviços. A ação educativa promoveu não apenas atualização teórica, mas também reconfiguração das condutas cotidianas, com impacto direto na redução do risco de transmissão cruzada nos serviços. A interdisciplinaridade dos participantes permitiu maior disseminação dos conhecimentos, enquanto a ênfase prática nos procedimentos reforçou a internalização dos comportamentos esperados. Diante dos resultados observados, recomenda-se a implementação sistemática de capacitações regulares, associadas a estratégias contínuas de monitoramento, avaliação e reforço educativo, garantindo, assim, a sustentabilidade das mudanças comportamentais e a proteção integral de pacientes, trabalhadores e do ambiente assistencial.

Referências:

Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa). *Manual de Segurança do Paciente em Serviços de Saúde: Higienização das Mãos*. Brasília: Anvisa; 2022.

World Health Organization (WHO). *WHO Guidelines on Hand Hygiene in Health Care*. Geneva: WHO; 2023.

Oliveira FT, et al. Práticas de biossegurança e adesão à higiene das mãos em unidades hospitalares. *Rev Bras Enferm*. 2024;77:e20230987.

ID - 773

NÍVEL DE CONHECIMENTO DA EQUIPE DE ENFERMAGEM SOBRE PRÁTICAS SEGURAS EM TRANSFUSÃO SANGUÍNEA: ESTUDO EM HOSPITAL PRIVADO DE NITERÓI - RJ

JDS Ponciano

Grupo GSH, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Introdução: A transfusão de hemocomponentes, embora amplamente utilizada, envolve riscos que exigem estrita observância aos protocolos de segurança. Profissionais de enfermagem desempenham papel central nesse processo, sendo responsáveis por etapas críticas, como identificação do receptor, preparo do ambiente e monitoramento de reações adversas. Estudos sobre segurança transfusional na rede privada de Niterói são escassos, o que reforça a relevância desta investigação para subsidiar práticas mais seguras e qualificadas. **Objetivos:** Analisar o grau de conhecimento da equipe de enfermagem sobre práticas seguras em transfusão sanguínea em uma unidade hospitalar privada de Niterói-RJ. **Material e métodos:** Estudo quantitativo, descritivo e transversal, realizado entre abril e junho de 2025, com 40 profissionais de enfermagem dos setores de internação e emergência. A coleta ocorreu por meio de questionário estruturado com questões sobre identificação do receptor, instalação de hemocomponentes, condutas frente a reações transfusionais e cumprimento de protocolos institucionais. Os dados foram analisados em frequência e percentual. **Resultados:** Dos participantes, 70,8% eram técnicos de enfermagem e 29,2% enfermeiros. A maioria (89,6%) reconheceu a importância da conferência dos dados do paciente antes da transfusão, porém apenas 62,5% identificaram corretamente todas as etapas exigidas pelo protocolo vigente. Embora 43% tenham vivenciado reações transfusionais, somente 54,1% descreveram adequadamente as condutas a serem adotadas. Além disso, 30% relataram não ter participado de capacitações sobre transfusão nos últimos 12 meses. **Discussão:** Os achados revelam lacunas importantes no conhecimento da equipe, especialmente quanto ao manejo de intercorrências e ao cumprimento integral de protocolos. A ausência de treinamentos regulares e de simulações práticas pode contribuir para a insegurança na prática transfusional. A originalidade do estudo está em evidenciar essas deficiências em um contexto ainda pouco explorado a rede privada de Niterói oferecendo subsídios para melhoria da segurança do paciente. **Conclusão:** Constata-se a necessidade de fortalecer as ações de educação permanente em hemoterapia, por meio de treinamentos periódicos, simulações realísticas e atualizações técnicas. A implementação dessas medidas pode reduzir riscos, aprimorar a assistência e contribuir para um serviço transfusional mais seguro e alinhado às melhores práticas.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2025.105235>

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2025.105234>